

Divulgação de pesquisas na internet – alguns casos

(Chie Hirose e Elie Chadarevian entrevistam Jean Lauand – preparação para mesa redonda no XV Seminário Internacional Cemoroc Filosofia e Educação)

Jean Lauand¹
Chie Hirose²
Elie Chadarevian³

Resumo: Entrevista preparatória para a mesa redonda dos autores no XV Seminário Internacional Filosofia e Educação CemorocFeusp-IJI Univ Porto (fevereiro 2014) sobre divulgação de pesquisa e também a ética de alguns casos concretos.

Palavras Chave: divulgação de pesquisas; ética da pesquisa; internet.

Abstract: Interview previous to a round table – February, 2014 – in the XV Seminário Internacional Filosofia e Educação (Cemoroc Feusp-IJI Univ Porto). It discusses dissemination and ethics of some cases of real researches.

Keywords: dissemination of researches; ethics of research; internet.

Entrevistadores: Queremos que esta nossa conversa dirija-se à sua experiência como autor na Internet, principalmente de artigos disponíveis em publicações do CemorocFeusp, desde 1997⁴. É uma preparação para esse e outros temas que iremos discutir na Mesa Redonda. Advertimos ao leitor que nós, entrevistadores, colaboramos na coleta de dados e também na discussão de seu significado e alcance.

Temos acompanhado a difusão desses seus artigos, ao longo dos anos. A revolução tecnológica afeta não só a divulgação das ideias, mas traz consigo também novas questões éticas. Se hoje são muitos milhares de revistas acadêmicas na Internet – o Qualis da Capes, só na área de Educação, qualifica mais de 3000! –, naquele tempo esse trabalho ainda era pioneiro (tenha-se em conta, por exemplo, que só no final de 1996 surgiu o Front Page, programa que facilitou enormemente o trabalho dos *webmasters*...). Mas já havia buscadores na Internet, o que revolucionou a difusão das pesquisas. Poderíamos começar com algum exemplo concreto nesse quadro?

JL: Um exemplo. Nossa revista *Notandum*, em seu No. 1 (jan. 1998), publicou o artigo: “Antropologia e Forme Quotidiane - La filosofia di S. Tommaso d'Aquino soggiacente al nostro linguaggio d'ogni giorno”, no qual procurei mostrar que as formas quotidianas de convivência – em diversas línguas – correspondem a conceitos da filosofia de Tomás de Aquino (sobre a gratidão, o perdão etc.)⁵. Graças a essa incrível possibilidade de difusão, dada pela internet, a versão em francês ocupa, ainda hoje, o 2º. lugar na categoria *Philosophes-Thomas d'Aquin* do ranking do Open Directory⁶.

¹. Prof. Titular Sênior da FEUSP e dos Programas de Mestrado e Doutorado em Educação e Ciências da Religião da Univ. Metodista de São Paulo. jeanlaua@usp.br

². Professora de Ensino Fundamental I da rede municipal de São Paulo. Doutora e Pós doutora Feusp. Professora das Faculdades Integradas “Campos Salles”.

³ Mestrando em Ciências da Religião na Univ. Metodista de São Paulo.

⁴. A história da experiência de nossas revistas, desde sua fundação totalmente disponíveis na Net, é contada por JL em <http://www.hottopos.com/isle13/05-22Jn.pdf>

⁵. Em português em: www.hottopos.com/notand1/antropologia_e_formas_quotidiana.htm.

⁶. Cf. [www.dmoz.org/World/Français/Sciences/Sciences_humaines_et_sociales/Philosophie/Philosophes/T/Thomas_d'Aquin/](http://www.dmoz.org/World/Français/Sciences/Sciences_humaines_et_sociales/Philosophie/Philosophes/Thomas_d'Aquin/).

Exatos dois anos depois de sua publicação, para surpresa geral em nossa Editora, uma busca de rotina nos *search engines* revelou que o artigo – sua versão em italiano – tinha sido publicado no site do Vaticano⁷ (que já dispunha de site!). Naturalmente, seria uma imensa tolice questionar se a página da Biblioteca do site da Congregação do Clero deveria ter “pedido autorização” (ou ao menos nos comunicado...) para a reprodução desse estudo, que está lá até hoje...

Outra importante “apropriação” não comunicada (e que só mereceu de nossa parte gratidão) ocorreu em 2002, quando o No. 7 dos *Cuadernos de Información y Comunicación* da Universidade Complutense de Madrid reproduziu “La Tontería y los tontos en el análisis de Tomás de Aquino”⁸, artigo no qual são apresentados vinte e três tipos de tolos, segundo Santo Tomás⁹.

A outra face da moeda é que sempre se pode (via Google) descobrir quando alguém publica sem autorização artigo de outrem. Mas, esses dois casos, foram gratas e honrosas surpresas.

Entr.: Mas, a propósito desse mesmo artigo, sabemos que houve também alguma surpresa desagradável.

JL: Esse artigo, que não teve muita repercussão em suas versões em português ou inglês, tocou tema de enorme interesse para o mundo hispânico (os insultos *tonto* e *tontería*) e encontra-se reproduzido, de modo honesto, em muitos sites e é, ainda hoje, o No. 1 na categoria “Filósofos” do Portal Buscopium¹⁰, o maior buscador de artigos sobre temas medievais em língua espanhola, contemplando milhares de estudos.

Mas, de fato, em um caso, a reprodução deu-se de forma tortuosa: o artigo tornou-se um capítulo inteiro (“Tontería y los tontos en el análisis de Tomás de Aquino” pp. 98 a 106) do livro *Nunca discutas con un tonto*, de L. Ferrari, lançado em 2011.

E aqui tocamos um ponto ético delicado: o plágio disfarçado. No caso, o primeiro parágrafo do citado capítulo diz:

“Jean Lauand, de la universidad de São Paulo nos dice que los tontos son legión”.

Quem lê, tem a impressão que a citação acaba por aí (uma citação, aliás, sem sentido, como se fosse necessária alguma autoridade para informar que há muitos tolos). O ponto problemático é que, após essa citação, o autor copia o artigo inteiro, dando ao leitor a impressão de que a pesquisa é dele... Mas, se eu o processar, ele sempre pode alegar: “Espera aí, eu citei e dei os créditos ao verdadeiro autor!” Não passa de uma tentativa de imunizar o plágio...

Entr.: Muito espertinho...! São frequentes esses casos de, digamos, “apropriação indébita”?

⁷. Links em: <http://hottopos.com/geral/vat1.htm>.

⁸. <http://revistas.ucm.es/index.php/CIYC/issue/view/CIYC020211>.

⁹. Original em espanhol; o texto em português encontra-se em www.hottopos.com/mp2/tontospt.htm.

¹⁰. <http://buscopium.com.es/index.php?c=45>

JL: Do ponto de vista ético, há um critério: citar, atribuir ao autor o que é do autor. O caso anterior é muito claro, mas nem sempre as coisas são tão nítidas.

Em outubro de 2010, publiquei na “Língua Portuguesa”, revista de muita difusão (também na Internet), um artigo, fruto de longa pesquisa, que buscava compreender o significado do enigmático verso do Hino do Flamengo:

Ele vibra, ele é fibra, muita libra (?) já pesou

Não me constava que fosse lembrado hoje que “pesar libras” é um sinônimo de vitória (em regatas é uma espécie de anti-doping - do peso dos barcos - para homologar o triunfo do vencedor). Por exemplo, na gravação do hino por Jorge Benjor, por incompreensão do sentido do verso original, a letra é mudada para o sem sentido: “Ele vibra, ele é fibra, muita libra já pensou”. Ainda em outubro, o Zero Hora de Porto Alegre, com a devida autorização, re-publicou em uma edição dominical o artigo.

Com surpresa, no mês seguinte, vi na seção Etimologia de uma conhecida revista¹¹, com a assinatura do colunista, esse e outro comentário sobre o Hino do Flamengo do meu artigo. Claro que não se pode falar de plágio e não posso patentear esse resultado: meu artigo era precisamente sobre o esquecimento do fato gerador de expressões que, nos anos 40, eram evidentes para todos, mas que, hoje, tornaram-se opacos. Qualquer um pode alegar que, em conversa com seu bisavô, tomou conhecimento da expressão...

Um outro caso, correto do mero ponto de vista da atribuição, é o de um livro do MEC¹², que traz, na abertura de seu cap. 4, um artigo de 9 páginas, das quais 7 são citação de meu livro: *Educação, Teatro e Matemática Medievais*. Em se tratando de livro para alunos, compreende-se melhor essa “autoria”, que praticamente se resume a organizar textos de outro...

Um “descuidado” copiou longos trechos (nas partes IV e V de seu artigo¹³) de meus estudos sobre S. Tomás e o lúdico¹⁴, fazendo apenas duas breves citações, como se eu estivesse ajuntando um par de observações ao texto dele!!

Voltando ao artigo sobre os tolos, o Prof. Michał Zembrzuski da Uniwersytet Kardynała Stefana Wyszyńskiego, de Varsóvia, usou-o para sua conferência / artigo “Estupidez e 23 tipos de Tolos em Tomás de Aquino”, creditando-a a meu artigo¹⁵ e deu-me a alegria de levar essa tipologia ao polônes, uma língua tão distante da nossa.

Entr.: Para que outras línguas e culturas distantes da nossa, a Internet tem levado seus estudos?

JL: A busca no Google sempre tem trazido boas novidades. Descobrimos que uma de minhas edições de conferências do grande filósofo Julián Marías, “O método ante o problema de Deus”, foi publicado, em tradução russa, pela Universidade dos Urais¹⁶.

E uma das entrevistas que fiz ao mesmo Marías foi traduzida e publicada em sites de diversos países árabes¹⁷.

¹¹. O buscador Gigablast conserva o cache da página: https://www.gigablast.com/get?q=deonísio+flamengo+fibra+vibra&qlang=en_US&c=main&d=259106062269&cns=0.

¹². http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/EnsMed/expensmat_icap4.pdf

¹³. http://artigos.netsaber.com.br/resumo_artigo_48256/artigo_sobre_teo-ludens:_deus_lúdico

¹⁴. <http://www.hottopos.com/notand7/jeanludus.htm>

¹⁵. <http://katedra.uksw.edu.pl/posiedzenia/1pos.htm>

¹⁶. <http://elar.ufrfu.ru/bitstream/10995/4550/2/sf-07-69.pdf>

Já meu estudo sobre o hino medieval “Ave verum”¹⁸ recebeu uma edição coreana (bilíngue: orig. inglês / coreano)¹⁹.

에 대한 주석

In Mortis Examine - a Note on Ave Verum Corpus Natum - Jean Lauand

이것은 14세기 중세시대에 지어진 작자미상, 혹은 그렇게 보이는 아주 아름다운 종교시 중 하나인 Ave verum Corpus Natum에 대한 짧은 주석이다. 전통적이고 감미로운 그레고리안 선율 이외에도 모차르트, 슈베르트, 구노 그리고 다른 많은 작곡가들이 이 시에 곡을 붙였다.

전례적 전통 덕분에 오늘날까지 유지된 낱구를 분석하여 나는 역사적 비평이 직면한 몇가지 의문점에도 불구하고 원문을 복원하는데 유용 할듯한 몇가지 의견을 제시한다.

이것은 단 5행으로 구성된 짧은 시이지만 신학적으로 이야기하자면 최후의 만찬과 수난, 부활의 신비를 축하하며 아주 함축적이다. 오늘날 불리는 가사는 아래와 같다.

*Ave verum corpus natum de Maria Virgine
Vere passum, immolatum in cruce pro homine
Cuius latus perforatum fluxit aqua et sanguine
Esto nobis praegustatum mortis in examine
O Iesu dulcis, o Iesu pie, o Iesu fili Mariae.*

가톨릭 백과사전을 위하여 집필한 사려깊은 논문에서 Iginio Cecchetti는 Ave Verum 가사의 형태 및 다양한 시와 성서문구를 고려하여 몇 가지 의문점을 끄집어 내었다.

4행에서 *mortis in examine* 대신 *in mortis examine*의 변화가 있다.

3행에서 *fluxit aqua et sanguina* 대신 *unda fluxit et sanguine*의 변화가 있다.

5행에서 *O Iesu dulcis, o Iesu pie, o Iesu fili Mariae* 대신 *O dulcis, o pie, o Iesu fili Mariae*의 변화가 있다.

위 대안들에서 원래 가사를 복원하기 위해서, 그리고 특정한 시각으로 볼 때 오직 첫번째만을 받아들일 수 있을것같다. 이것은 Ave verum이 오늘날 우리가 부르는 대로가 원작자가 쓴 것이며, 단지 4행의 *mortis in examine*만이 *in mortis examine*로 바뀌었음을 의미한다.

이와 같은 확신의 이유는 무엇일까? 중세시대 쓰기 유형에 의한 내재적 분석이다. 알다시피 고전 작가들은 시를 쓸 때 띄어쓰기를 하지 않았고 따라서 시는 아래와 같이 된다.

*A V E V E R U M C O R P U S N A T U M D E M A R I A V I R I G I N E
V E R E P A S S U M I M M O L A T U M I N C R U C E P R O H O M I N E
C U I U S L A T U S P E R F O R A T U M F L U X I T A Q U A E T S A N G U I N E
E S T O N O B I S P R A E G U S T A T U M M O R T I S I N E X A M I N E
O I E S U D U L C I S O I E S U P I E O I E S U F I L I M A R I A E*

역시 중세 작가들이 아크로스틱 - 각 행의 머릿자나 끝 글자를 이으면 말이 되는 유희시 - 과 기타 형태의 문자 배열을 얼마나 좋아했는지도 잘 알려져 있다.

그리고 물론 모음 되풀이를 얼마나 좋아했는지도 알려져 있다. 모음의 순서는 연구할 가치가 있다. (Salve Regina의 예 를 떠올릴 수 있을 것이다.) 지금의 경우,

¹⁷. Por exemplo: <http://philosophie69.arabblogs.com/riwek21/archive/2009/1/787723.html>

¹⁸. Em português em: http://www.hottopos.com/mirand7/in_mortis_examine.htm

¹⁹. <http://blog.naver.com/PostView.nhn?blogId=djinni77&logNo=90030074896&parentCategoryNo=22&viewDate=¤tPage=1&listtype=0>

첫 모음인 A는 첫 행의 첫번째 글자이다. 두번째 모음인 E는 두번째 행의 두번째 글자이다. 이렇게 하여 다섯번째 모음인 U는 다섯번째 행의 다섯번째 문자이다. 이것으로부터 그러한 순서의 전형적인 예를 구성할 수 있다. 이와 같은 순서로 미루어 우리는 - 부수적으로는 최근의 제안인 - 5행이 O dulcis, o pie, 등을 제거할 수 있다. 마지막으로 당시에는 UM으로 끝나는 단어는 U(U^)^로 줄여 썼다. 그리고 우리가 그것을 채용한다면 - 몇개의 오래된 성서를 따르면 - 이것을 얻을 수 있다.

AVEVERUCORPUSNATUDEMARIAVIRGINE
 VEREPASSUIMMOLATUINCRUCEPROHOMINE
 CUIUSLATUSPERFORATUFLUXITAQUAETSANGUINE
 ESTONOBISPRAEGUSTATUINMORTISEXAMINE
 OIESUDULCISOIESUPIEOIESUFILIMARIAE

이 형태에서는 또 다른 모음의 배열이 있다. A, E, I, O, U의 순서가 우연히 저렇게 배열된 것 같은가? 이와 같은 형의 배열이 나올 확률은 1만분의 1이다. 따라서 unda fluxit et sanguine를 받아들이지 않는 것과 mortis in examine가 있는 것, 그리고 원본이

A revista Studia Angolana reproduziu²⁰ meu estudo “Tomás de Aquino e a Metafísica das Línguas Bantu e Tupi”, originalmente também publicado em nossa Notandum²¹.

Entr.: Qual a sensação de saber que esses seus estudos estão disponíveis *on line*, traduzidos para línguas como o coreano, russo, árabe, polonês, basco, catalão etc., em vinte países e uma dúzia de línguas?

«Let it be» (The Beatlesen abestia)

Jean Lauand Sao Pauloko Unibertsitateko hezkuntzaren filosofiako katedradunak argitaratutako artikulu batean Paul McCartneyren *Let it be* abestia, The Beatlesen azken albumari izena ematen diona, Ama Birjinagan inspiratutako otoitza dela esaten da. McCartneyk azaldu du abestiaren jatorria gau batean izandako irudipena dela. Irudipenean bere ama Maria, berak hamar urte zituela hil zitzaiona, ikusi zuen. Baina abesti hori, diskoan, *Lady Madonna* izenekoaren atzetik dator. *Lady Madonna* Liverpooleko emakume langileei eskainia dago, baina, Paulek berak elkarriketa batean esan zuenez, Liverpooleen ezagutzen zituen emakume langiletatik gehienak katolikoak ziren, eta lotura handia zegoen emakumeon, horien seme-alaben eta Ama Birjinaren artean. “Jatorriko kontzeptua, beraz, Ama Birjina zen, emakume oren sinbolo gisa jarria, Madonnaren irudia emakume langile orori aplikatua. Egiaz amaren figuraren ordainetan egin dago”.

Irakasle brasildar honen arabera, horrexek izan behar du *Let it be* abestiaren letra irakurtzeko abiapuntua. Honek ez du esan nahi “utzi bere horretan” bakarrik, asko

²⁰. Em cache no Gigablast: https://www.gigablast.com/get?q=studies+angolana+lauand&qlang=en_US&c=main&d=26403672911&cns=0

²¹. <http://www.hottopos.com/notand6/jean.htm>

horrela itzuli arren, “egin bedi” ere esan nahi baitu. Eta horrela erantzun zion Mariak aingeruaren adierazpenari.

“And Mary said, Behold the handmaid of the Lord; be it unto me according to thy word.” Lk 1,38

Amak behin eta berriz esaten dio abestian zehar lelo hau: «*Let it be*». Hasieran abestiaren izena «Mother Mary» izango zen, eta berak aitortu duenez, “ia erlijiozko kantua egin nuen”.

Lauand katedratikoak abestiaren mamiaren irakurketa egiten du. Lehenengo ahapaldiak azaltzen du: “atsekabetuta nagoenean, Mother Mary nigana dator, jakituriatzko hitzak esanez (...). Eta ilunaldian, nire aurrean jartzen da, jakituriatzko hitzak xuxurlatuz”. Hitz horiek, *Let it be*, “egin bedi” hitzek, irakasle honen esanetan, emakume ororen irudi nagusia den Mariaren jakituria adierazten dute.

Itxaropenerako musika

“*Let it be*” abestia sufritzen duten guztientzat esperantza eskatuz bukatzen da: “Banantzen badira ere, bada aukera bat erantzuna izango dela uler dezaten. Egin bedi”.

Do semanário salesiano de Bilbao, “Buenos días”, edição em língua basca, 21-25 de maio de 2012, p.2

JL: Quando lembro que meu primeiro livro foi produzido basicamente com as mesmas técnicas do Gutemberg, fico, naturalmente, muito contente com essa rápida e extensa difusão. Não por gostinho pessoal, mas pela própria difusão das ideias: afinal, publicar é para o público...

Entr.: Voltemos a discutir a difusão de sua obra na Espanha. Sem dúvida, o artigo que causou maior impacto naquele país foi “Mother Mary Comes to me - La radical inseguridad de la condición humana”, publicado originalmente em espanhol, logo após o 11 de setembro de 2001 e a profunda comoção que o atentado causou. Foi recolhido em seu livro “En diálogo con Tomás de Aquino”. A propósito desse artigo (e do livro), permita-nos recolher o comentário que fez o Prof. Dr. Miguel Ángel García Olmo, da Universidade Católica de Múrcia:

Obra publicada por nada menos que Ediciones Del Orto, editora relacionada com a distintíssima Sociedad Española de Estudios Clásicos, cujas opiniões gozam de amplo eco no mundo educativo e cultural hispânico. Essa edição contém nove conferências recentes, mas já clássicas, de Jean Lauand, adaptadas ao leitor espanhol, algumas das quais haviam causado por si mesmas um considerável impacto entre o público culto da Espanha. E isso não é exagero nem amável hagiografia: uma delas, “Mother Mary comes to me – La radical inseguridad de la condición humana”, mereceu grandes manchetes e quase uma página inteira de análise num dos jornais madrilenhos mais lidos na Península [*La Razón*: abaixo] (in: Castro, Roberto C. G. org. *O intérprete do Logos*, São Paulo: ESDC, 2009, p. 98)

LA RAZÓN
digit@l

RELIGIÓN

miércoles 14 de noviembre de 2001

INICIO
PORTADA
CANELA FINA
OPINION
NACIONAL
INTERNACIONAL
CULTURA
MADRID
SOCIEDAD
RELIGION
ECONOMÍA
ESPECTÁCULOS
GENTE
TOROS

Busca en nuestro Web

TIEMPO
CLASIFICADOS
OCIO
CARTAS AL DIRECTOR

Versión para imprimir

Polémica con «Let it be» que podría ser un canto a la Virgen

José Ángel Agejas - Madrid.-
Jean Lauand, catedrático de filosofía de la educación de la Universidad de Sao Paulo, ha publicado un **artículo** en el que defiende que la canción «Let it be» de Paul McCartney, que da título al último álbum de los Beatles, es una oración a la Virgen María.

Canción religiosa

El ex componente del grupo ha explicado que el origen de esa canción está en una visión que una noche tuvo de su madre, María, muerta cuando él tenía 10 años. Pero la canción sigue en el disco a otra, titulada «Lady Madonna», dedicada a las mujeres trabajadoras de Liverpool, pero que, como el mismo Paul contó en una entrevista, la mayoría de las mujeres trabajadoras que él conocía en Liverpool eran católicas y había una gran vinculación entre ellas, sus hijos y la Virgen María, «por lo tanto, el concepto original era la Virgen María como símbolo de toda mujer, la imagen de la Madonna aplicada a la mujer trabajadora. Es realmente un tributo a la figura de la madre». Según este profesor brasileño, es desde esta clave como hay que leer la letra de «Let it be», que no significa sólo «déjalo estar», como muchos traducen, sino también «que así se haga», puesto que es en inglés la expresión del «hágase» de María ante el anuncio del ángel. La madre le repite a lo largo de la canción constantemente ese lema: «Let it be». La canción se iba a titular en un inicio «Mother Mary», y según él mismo confiesa, «la hice como algo casi religioso».



Paul McCartney en concierto

Una letra espiritual

Lauand hace una lectura del contenido de la canción. La primera estrofa empieza describiendo que «cuando me encuentro en momentos de tribulación, Mother Mary viene a mí, diciendo palabras de sabiduría (...) Y en la hora de la oscuridad ella se alza ante mí, diciendo palabras de sabiduría, susurrando palabras de sabiduría». Esas palabras, «Let it be», «hágase» según este profesor, expresan la sabiduría por excelencia de María, la imagen de toda mujer.

Paul McCartney atravesaba en aquellos momentos por unas dificultades muy especiales, como él mismo confiesa en una entrevista: «Era un período muy difícil. John estaba con Yoko todo el tiempo, y nuestra relación estaba empezando a derrumbarse: John y yo atravesábamos un período muy tenso. La ruptura de los Beatles se asomaba en el horizonte y yo estaba muy nervioso. Personalmente era una época muy difícil para mí: las drogas, el stress, el cansancio y casi todo empezaba a pasarme su peaje.»

Música para la esperanza

La canción «Let it be» concluye con una invocación a la esperanza para todos los que sufren: «Aunque se separen/ sigue habiendo una posibilidad de que comprendan/ de que habrá una respuesta, hágase».

JL: De fato, esse artigo – que no Brasil não teve nenhuma especial repercussão – ganhou alguma importância no mundo hispânico e, nestes 12 anos, nunca deixou de ser (re) publicado e comentado. Nesse estudo²², procurei mostrar – algo óbvio para o leitor inglês – que “Let it be”, no caso – mais do que “deixa estar”, “deixa quieto” – remete à sentença fundamental de Maria: “**Faça-se** em mim segundo a tua palavra” (Lc 1, 38) e outros aspectos que sugerem uma dimensão religiosa na canção. O próprio Paul diz: “Mother Mary makes it a quasi-religious thing, so you can take it that way”. O artigo foi lembrado em 2012, quando um dos mais famosos jornalistas espanhóis, conhecido por suas “ousadas” polêmicas, César Vidal Manzanares, declara no rádio²³ a “ortodoxia católica do dogma” dos Beatles (além de outras pérolas como a de que, tirando uma dúzia de canções, são medíocres, plagiadores etc.). E toma, sem

²². O artigo em português encontra-se em: <http://www.hottopos.com/mp2/mothermary.htm>

²³. O programa pode ser ouvido em: <http://esradio.libertaddigital.com/fonoteca/2012-05-08/el-primer-piso-de-herrero-la-crisis-hace-perder-al-pp-cuatro-puntos-43766.html>. E os comentários de César Vidal, aparecem a partir do minuto 19.

citar, argumentos de meu artigo, absolutizando-os. A reação veio dos próprios críticos espanhóis. Um deles escreveu no site do próprio César Vidal:

En esto, como en casi todo, Vidal extrapola, para variar... La hipótesis del "Let it be" de los Beatles como himno mariano es una hipótesis con firma de autor. Y su autor no es precisamente César Vidal, sino un académico católico de Brasil (al que Vidal no cita, claro), que la plasmó en cierto oportuno artículo que alguna fortuna tuvo en su día en España. Concretamente se trata del prof. Jean Lauand, catedrático de Filosofía de la Universidad de Sao Paulo. Y de una teoría privada -bonita, pero imposible de confirmar- va César Vidal y crea una evidencia incontestable... (<http://www.libertaddigital.com/opinion/cesar-vidal/hay-salida-xvi-filadelfia-64406/3.html>)

É muito confortador saber que, se a generosidade de disponibilizar gratuitamente pesquisas para todo mundo na Internet permite abusos; essa mesma abertura estabelece também a defesa: o abuso fica exposto e é facilmente descoberto. Por vezes, nem se trata de má fé, mas de simples despreparo: infelizmente é frequente vermos trabalhos universitários citando apócrifos inverossímeis da Internet atribuídos a Fernando Pessoa, Clarice Lispector etc. Quando os alunos apresentam essas coisas em seminários, eu tiro da carteira 200 reais e digo que darei esse dinheiro ao primeiro que me trouxer o livro do Pessoa no qual se encontram aqueles versos primários...

Entr.: Só por curiosidade, recolhemos aqui alguns parágrafos seus (citados sem o autor) de um artigo, também publicado na Espanha, sobre a origem da palavra Olé! É uma daquelas perguntas do Yahoo:

Mejor respuesta - El significado etimológico de la españolísima palabra ¡Olé! sea un recurso a Dios. ¡Olé! -dice el Diccionario de la Real Academia- pro- viene del árabe Wa-(a)llah (“¡Por Dios!”). Y es una exclamación de entusiasmo ante una belleza (o alegría) sorprendente o “excesiva” No es de extrañar, por tanto, que el grito “¡olé!”, aplicado al espectáculo del fútbol, haya nacido a partir de una “belleza inesperada”: en 1958, en México en un partido entre el Botafogo y el River Plate, base de la selección argentina. A cada increíble regate del increíble Garrincha (el de las piernas torcidas, que no valía para futbolista) sobre el lateral Vairo, los aficionados mexicanos gritaban ¡olé!, como si estuviesen en una corrida. (<http://es.answers.yahoo.com/question/index?qid=20090601163507AA4Bc4l>)

JL: De fato, é copiado de meu artigo, mas, no caso, não tem nenhuma importância. Depois vocês me contam como conseguiram localizar esse texto: vocês são os melhores assistentes de pesquisa do mundo... (rs). Essa abertura e generosidade, na verdade, as devemos ao Prof. Dr. Sylvio G. H. Horta, fundador do site hottopos.com (que aloja as revistas do Cemoroc), nosso editor e webmaster. Desde 1997, quando começaram estas nossas revistas, ele já principiou com essa visão grandiosa.

Recebido para publicação em 08-01-14; aceito em 01-02-14